

*Música Portuguesa para Tecla - Séculos XVI e XVII*, Ana Mafalda Castro EMI Classics 7243 4 71825 2 5, (1998).

A interpretação da música de tecla portuguesa dos séculos XVI e XVII vê-se enriquecida por mais uma gravação, desta vez a cargo da cravista Ana Mafalda Castro, que interpreta obras de Heliodoro de Paiva (c. 1502-c. 1552), António Carreira (c. 1530-c. 1594), Manuel Rodrigues Coelho (c. 1555-1635), Pedro de Araújo (c. 1610-1668), Fr. Diogo da Conceição (Séc. XVII), Fr. Domingos de São José (Séc. XVII) e de um anónimo do século XVII, no cravo Joaquim José Antunes (Lisboa, 1758), pertencente à colecção do Museu da Música.

O conjunto de peças seleccionado oferece-nos uma panorâmica das principais tendências e géneros para tecla cultivados em Portugal durante os séculos XVI e XVII (Tento, Fantasia, Obra, Canção, Batalha, composições sobre melodias litúrgicas, etc.), ao mesmo tempo que ilustra o desenvolvimento da linguagem da música de tecla — inicialmente decalcada dos modelos polifónicos vocais — em direcção a um idioma mais virtuosístico de natureza instrumental, onde os traços maneiristas e barrocos começam a suplantam o equilíbrio renascentista.

Uma vez que nessa época os compositores raramente especificavam o instrumento a que se destinavam as suas obras, sendo habitual executá-las no órgão, cravo, clavicórdio ou mesmo na harpa — relembre-se a habitual indicação presente nas edições ibéricas: "para tecla, harpa e vihuela" —, a escolha de qualquer um destes instrumentos é perfeitamente legítima. Todavia, se para a maioria das peças a opção tímbrica é relativamente indiferente, existem, no entanto, alguns géneros estritamente ligados a determinado instrumento. É o caso do Tanto de meio

registro, que tira partido da possibilidade da divisão do teclado do órgão ibérico em duas metades com acesso a diferentes registos, e da Batalha, peça que pretende imitar os sons de um combate (galope dos cavalos, tiros de artilharia, choque das espadas, etc.), aproveitando a sonoridade estridente dos registos de trompetaria horizontal.

Uma das particularidades que chamam mais à atenção neste CD consiste precisamente na utilização do cravo para interpretar Batalhas, neste caso a Batalha de 6º tom, de Pedro de Araújo, e uma Batalha anónima. Embora este género musical tenha sido ocasionalmente abordado fora do contexto organístico — por exemplo a Batalha de Correa Braga, tocada ao clavicórdio por Ilton Wjuniski (Harmonia Mundi), ou a Batalha Imperial de Joan Cabanilles, interpretada pelo Hespèrion XX, de Jordi Savall (Alia Vox) —, ele tem permanecido à margem do repertório dos cravistas. O resultado obtido por Ana Mafalda Castro é plenamente convincente e especialmente digno de nota se pensarmos que o cravo utilizado tem apenas dois registos. A ausência dos recursos específicos do órgão é resolvida de forma imaginativa pela cravista através da variedade da articulação, da ornamentação, dos matizes sonoros, de uma sábia gestão do impulso rítmico ou da criação de efeitos de surpresa, tornando plenamente eficaz a evocação da luta alegórica entre o Bem e o Mal, subjacente a este género musical.

Estas qualidades evidenciadas pela cravista são, de resto, extensivas à interpretação das restantes obras e conferem variedade e interesse constante a um repertório que apresenta, com frequência, uma construção musical que pode ser pouco apelativa para o ouvinte moderno. A monotonia é um perigo eminente, mas Ana Mafalda Castro consegue sempre superá-la, tanto através da sua inteligente compreensão das obras, como pela sua fluente musicalidade.

Para além das já citadas Batalhas, salienta-se ainda o domínio da construção intrincada da Fantasia de 1º tom, de Pedro de Araújo (registada pela primeira vez em disco), a clareza textural do Primeiro Tento do 1º tom, de Rodrigues Coelho, os saborosos contrastes da Obra de 5º tom, de Fr. Domingos de S. José, a expressividade do belíssimo Tento sobre «*Con que la Lavaré*» e da Fantasia a 4, de António Carreira, ou o vigor rítmico e agógico da célebre «*Canção a quatro Glosada*» (mais rápida que em qualquer outra das múltiplas gravações existentes), do mesmo autor.

Acrescenta-se ainda que o CD conta com excelentes notas explicativas, da autoria de Miguel Ângelo Ribeiro.

CRISTINA FERNANDES

*Vocalizos* (António Vitorino de Almeida: *Três canções para soprano, trompa e piano, Casamento à moda antiga*; Eurico Carrapatoso: *Cinco melodias em forma de montemel, Duas porcelanas musicais, Sweet Rústica*; Manuel Pedro Ferreira: *Três canções de Rilke*; Fernando Lopes-Graça: *Três poemas em prosa*), Ana Ferraz (soprano), Gabriela Canavilhas (piano), António Costa (trompa), CD Movieplay Classics, Mov. 3-11050 (1997).

A Movieplay lançou em meados deste ano de 1997 um CD, *Vocalizos*, integrado na série 5 Séculos de Música Portuguesa, desta vez dedicado exclusivamente à música do século XX. Antes mesmo de me debruçar sobre os aspectos particulares do registo fonográfico e do seu conteúdo musical, importa dizer que *Vocalizos* é talvez o primeiro caso de sucesso genuíno de um disco de música «erudita» (na falta de um termo mais adequado) composta recentemente (e, portanto, contemporânea, independentemente da maior ou menor

pertinência actual das linguagens utilizadas). Antes também do comentário às obras e aos compositores pensei ser útil meditar um pouco sobre as razões extra-musicais de um êxito discográfico aparentemente sem precedentes no seu terreno específico. Todos conhecemos os «imperativos categóricos» que a *imagem* de um produto comporta sobre a atenção, quer dos consumidores, quer dos responsáveis pela comercialização desse mesmo produto. Por razões que desconheço (dinheiros insuficientes, má gestão, pouca criatividade, menorização dos problemas?) a maior parte, senão a totalidade das edições discográficas na área dita «erudita moderna/contemporânea» no nosso país são autênticos flagelos pictóricos. Títulos e nomes de peças e autores pouco legíveis, caracteres de estilo ultrapassadíssimo, fotografias feias e confusas, cores deslavadas, mais próprias de estafados calendários de estações de gasolina futuristas, enfim, um desastre sem remissão. Se, mesmo assim, o futuro comprador (ainda por cima habituado à excelente apresentação gráfica da maior parte da música dita «ligeira» ou à qualidade das edições estrangeiras) ainda insistir em pesquisar um pouco mais o interior do disco, depara-se a mais das vezes com uma escrita de ambiência árida, por vezes mesmo pseudo-erudita, e, no mínimo, absolutamente aborrecida.

É claro também que este hipotético comprador pegou no disco por puro acaso, pois não lhe foi possível vislumbrar qualquer tipo de publicidade ao mesmo. Contenta-se portanto o leitor destas notas com saber que possivelmente nas discotecas que ostentam uns cartõezinhos nas prateleiras com a informação «Novidades» será porventura razoável encontrar o dito CD. Mas apresse-se, porque as novidades são inerentemente voláteis, e no dia seguinte terá de pesquisar arduamente naqueles catálogos que ninguém possui à procura do disco que viu